

## DAS CARTAS DE LISBOA

*Pinheiro Chagas*

### APRESENTAÇÃO

É propósito deste artigo apresentar pela primeira vez uma crônica de Pinheiro Chagas, datada de finais de 1875, esquecida no *Diário do Rio de Janeiro*. O texto chama a atenção logo que se consulta o periódico, pois as crônicas de Chagas costumavam surgir nas colunas da página do jornal e esta, excepcionalmente, tem lugar destacado no rodapé, onde costumava sair o ao folhetim. Tratava-se, portanto, de um texto que merecia evidência, por vontade do seu autor ou do diretor do jornal. Compreende-se que assim fosse, atendendo ao tema proposto, então em voga – uma crítica imediata à filiação *realista* de Eça de Queirós – e à promessa, no texto, de uma futura crítica à segunda versão de *O crime do padre Amaro*, que o escritor estaria a preparar em Lisboa.

Eça pedira a Andrade Corvo, ministro dos Negócios Estrangeiros, licença de três meses do seu cargo de cônsul em Newcastle, alegando motivos de saúde e obtivera autorização para gozá-la no início de novembro de 1875,<sup>1</sup> pelo que à data de escrita da crônica, 18 de novembro, estaria já em Lisboa. Não é tão preciso, porém, qual o verdadeiro motivo da estada do jovem cônsul em Portugal pois, desde que, em fevereiro, exigira a Jaime Batalha Reis e Antero de Quental a cessação da publicação do romance na *Revista Ocidental*, Eça de Queirós começara a rescrevê-lo, como testemunha a sua correspondência. São também as suas cartas, sobretudo uma, dirigida a Ramalho Ortigão em

1 V. Queirós, 2008: 127 e 130.

maio do mesmo ano, que permitem conjecturar que a vinda a Portugal se deveu, oficiosamente, à procura de editor e contratação da publicação. Todas estas circunstâncias terão proporcionado a Pinheiro Chagas o pretexto para a publicação de um artigo no Brasil.

Porém, Chagas, na multiplicidade dos seus afazeres, aproveitou a ocasião para publicitar, junto dos leitores brasileiros, a sua opinião sobre o realismo, móbil da *Moderna Literatura*, essa *Nova Expressão da Arte* – possíveis títulos da conferência proferida por Eça de Queirós no Casino Lisboense – a partir de um texto reaproveitado, uma vez que a crónica que a seguir reproduzimos tinha parcialmente sido servida aos leitores portugueses exatamente durante a polémica que pautou a apresentação e consequente proibição das Conferências Democráticas do Casino Lisboense em 1871.

Foi António Salgado Júnior, na sua *História das Conferências do Casino*, quem parafraseou e transcreveu excertos de um artigo de Manuel Pinheiro Chagas publicado no *Diário de Notícias* de 19 de junho de 1871, excertos que têm sido repetidos em estudos relativos às Conferências. Tomando como boas as palavras de Salgado Júnior, esse artigo difere do agora transcrito sobretudo no que consta à introdução e à conclusão.<sup>2</sup> De outro modo não poderia acontecer visto que o autor o dirigiu a leitores diversos e em ocasiões diferentes: haviam passado mais de quatro anos desde a primeira publicação.

Vejamos: se no folhetim agora apresentado, do *Diário do Rio de Janeiro*, encontramos a justificação para a crónica na estada de Eça de Queirós em Lisboa e na proximidade da data de publicação de *O crime do padre Amaro*, em contraponto o historiador das Conferências diz de Chagas:

2 Devido às circunstâncias do momento em que este texto foi escrito, não nos foi possível consultar o *Diário de Notícias*, pelo que aceitamos a leitura do autor da *História das Conferências do Casino*.

Começava ele por elogiar aquele dos dois autores do *Mistério da Estrada de Sintra*. Depois, porém, do elogio, mostrava-se penalizado, por ter vindo a saber que Eça, afinal, caía em admirar Flaubert. Via-o agora porque Eça o acabava de revelar na sua conferência do Casino, a que lamenta não ter podido assistir *porque tem em altíssima conta o talento de Eça*, estando até convencido de que ele *há de vir a ser um dos vultos mais notáveis da nossa literatura*. — Isso porém não impede que ele, estando em desacordo com muitas das ideias da conferência, não venha ali discuti-las. (Salgado Júnior, 1933: 90-91)

Este preâmbulo é em tudo diverso daquele que se pode ler nos cinco primeiros parágrafos publicados no diário carioca, quando, apelando ao conhecimento de Eça de Queirós enquanto autor, Chagas não menciona as Conferências, referência que pouco diria à maior parte dos leitores brasileiros, antes recorre à parceria com Ramalho Ortigão nas *Farpas*, folhetos familiares ao público-alvo não só pela sua leitura, mas também devido às polémicas que suscitaram no Brasil.

A seguir, e ainda de acordo com a interpretação que Salgado Júnior fez do *Diário de Notícias*,

Acabado o seu exórdio, Pinheiro Chagas envereda por uma censura ao realismo em termos depreciativos. Expurgado do tom rebaixador, o seu pensamento é este:

O realismo “não prima pela novidade”. “O estudo consciencioso da natureza humana, a investigação inquieta das grandes verdades psicológicas” — fê-lo já Molière e sobretudo Shakespeare. (Salgado Júnior, 1933: 91)

e continua, sempre de acordo com a crónica ulterior. No entanto, os dois últimos parágrafos desta discordam da paráfrase de 1933. Nela se diz que o autor de *A morgadinha de Valflor*

Por fim afirma que os tipos do realismo são repugnantes e volta a Eça. Lamenta não tê-lo ouvido para melhor o discutir e lamenta que ele tenha aquelas ideias porque afinal “possui as qualidades literárias incompatíveis com os defeitos do realismo.” E, no meio duma peroração contra o materialismo e o realismo, que nunca descobrirão nem ensinarão as verdades morais, acaba por chamar a Eça *poeta e pensador*. (Salgado Júnior, 1933: 92)

O tempo, e a primeira publicação de *O crime do padre Amaro*, haviam tornado estas palavras obsoletas. Em finais de 1875, o romance é considerado “estranho”, porque Eça de Queirós, apesar de Pinheiro Chagas acreditar que “A sua imaginação vigorosa” o arrastaria para longe do *processo realista*, teimosamente insistia em declarar-se “o representante do realismo em Portugal” ...

Que análise, ou crítica, escreveria Chagas acerca da nova versão de *O crime do padre Amaro*? Nunca o saberemos, já que a crónica prometida não foi publicada. A derradeira referência a Eça de Queirós e a *O crime do padre Amaro* nas “Cartas de Lisboa” assinadas por Pinheiro Chagas surge no jornal carioca em 21 de agosto de 1876, escritas em Lisboa em 21 de julho:

Já está impresso em volume o *Crime do padre Amaro*, esplêndido romance do Sr. Eça de Queirós, que fora publicado primeiro na *Revista Occidental*. O autor, no seu inquieto desejo de perfeição, nunca satisfeito com a sua própria obra, refundiu o romance quase completamente. Esta edição, que foi tomada pelo Sr. Chardron, leva o título de *edição definitiva*.<sup>3</sup>

3 Antes, e no mesmo jornal, número de 19 de janeiro de 1876, a crónica de Pinheiro Chagas mencionava: “O célebre romance de Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro*, está sendo impresso em volume na antiga tipografia do *Arquivo Pitoresco*”.

Passados anos, quando as Conferências do Casino eram já memória, um indignado Pinheiro Chagas volta à liça contra os conferencistas e seus confrades, a quem via indigitados para lugares públicos dos quais não os considerava merecedores devido ao passado *vermelho*:

(...) o eminente poeta Guerra Junqueiro foi nomeado secretário-geral do governo civil de Angra do Heroísmo. Sem querer por forma alguma censurar a nomeação do autor da *Morte de D. João* para esse lugar administrativo, não poderei deixar de notar com certo espanto quanto são pouco firmes nas suas convicções os homens da geração presente, que entram no mundo com ímpetos republicanos e acabam por estar daí a pouco secretários gerais, cônsules, oficiais de secretaria, comissários do governo. Jaime Batalha Reis foi nessa qualidade para Filadélfia, Eça de Queirós está cônsul em Newcastle, Guerra Junqueiro vai ser secretário geral em Angra do Heroísmo!

E todos eles eram vermelhos do matiz mais escarlate, uns saudavam a república em Espanha como a aurora de um novo dia, outros chamavam tigres aos reis, outros arvoravam ao sopro das auras a bandeira rubra da revolução. Ei-los todos sentados à mesa do orçamento, recebendo das mãos da monarquia o prato de sopa, o arroz e o cozido!

E como havemos nós, homens que lidamos e pensamos com seriedade nestas coisas da vida política e social, tomar a sério estas declamações revolucionárias que terminam por um *Espera receber mercê*, estas proclamações republicanas, que vêm a dar em memoriais, estes poemas regicidas, que têm na última estrofe *Pede a Vossa Majestade*: triste! Triste! Triste! (Chagas, 1876: 1)

No final do ano 1884, Pinheiro Chagas iniciava novo empreendimento jornalístico, com a fundação e direção do *Correio da Manhã*, órgão defensor da política do Partido Regenerador, então no Governo, de que o próprio Chagas era Ministro da Marinha. O nome de Eça de Queirós surge duas vezes na primeira página do sétimo

número do jornal, de 7 de dezembro, uma delas, a propósito da publicação do prefácio do livro de contos *Azulejos* de Bernardo Pindela, adjetivando Eça enquanto “(...) o mais notável de todos os nossos romancistas.”; a outra, anunciando em parangona a publicação de um capítulo do inédito *Os Maias*. No dia seguinte, o número um do “Suplemento Literário” do *Correio da Manhã* apresentava em toda a primeira página e quatro das cinco colunas da segunda, um grande excerto do capítulo inicial do romance, precedido por uma longa epígrafe não assinada, e de qualidade discutível:

De todos os prosadores portugueses, Eça de Queirós é com justo título aquele cujos trabalhos são esperados com mais ansiedade e por um público mais numeroso. Em Portugal e no Brasil, e recentemente em Espanha, não há quem não conheça este escrito, [sic; escritor] eminente, este artista da palavra escrita, este observador, este moderno, em cuja arte rigorosa, banhada de luz, os mais pequenos factos vibram com uma intensidade nervosa, que lhes dá vida, que lhes dá alma.

Isso justifica a ansiedade com que são esperados os *Maias*, e que nós procurámos satisfazer dando hoje parte do primeiro capítulo. À amabilidade de Eça de Queirós devemos esta fineza extrema, tanto mais que é conhecido o empenho com que muitos jornais têm procurado dar trechos do romance, tendo-se até hoje negado à curiosidade pública as provas do livro, de cuja ação e de cujo assunto se tem feito o maior segredo e que está sendo editado pela casa Chardron.

A publicação do excerto não surpreende, nem tampouco a apresentação encomiástica de Eça, mesmo quando cremos tratar-se da inusitada intersecção pacífica duma rivalidade tão feroz na aparência. A pré-publicação de fragmentos literários em periódicos era, como se sabe, prática comum no século XIX, sobretudo a partir da segunda metade e essa prática servia a três interessados: o escritor, cujo tra-

balho era difundido por meio de pequenas frações textuais propícias a abrir o apetite para o restante a publicar; o editor, pelas mesmas razões, às quais acrescia a perspectiva do lucro, chegando mesmo a pagar aos jornais para usufruir do reclame; finalmente, o proprietário do jornal lucrava monetariamente, quer por via do eventual pagamento do editor, quer pela apresentação de inéditos de autores consagrados que gerava curiosidade no público pagante, sobretudo para periódicos de fundação recente que precisavam de cativar leitores.<sup>4</sup>

Por esse tempo Manuel Pinheiro Chagas era o correspondente português num outro jornal do Rio de Janeiro, *O País*,<sup>5</sup> onde, em 16 de Dezembro de 1888, publicou uma “Colaboração” com o título “A propósito dos ‘Maías’”, texto que voltaria a dar à imprensa, com variantes, quase dois anos depois, no *Jornal do Comércio* de Lisboa em 18 de Setembro de 1890.<sup>6</sup> Porém, no que respeita a *Os Maías*, numa e noutra publicação, Chagas limita-se ao título e a parte do parágrafo inicial do periódico carioca, eliminada do texto publicado em Portugal, que se transcreve:

Hoje, porém, que estamos no princípio do Inverno, enquanto os teatros não dão as suas grandes peças de resistência, enquanto em S. Carlos não aparecem as estrelas da estação, aproveito o ensejo para lhes dizer o que penso acerca do livro de Eça de Queirós e da escola literária de que ele é ou procura ser a expressão mais completa.

4 Os trechos assim publicados não provinham exclusivamente de inéditos. Por exemplo, o mesmo “Suplemento Literário” do *Correio da Manhã* publicava nas páginas um e dois da edição de 22 de junho de 1885, um longo excerto de *O crime do Padre Amaro*.

5 A sua colaboração teve início no dia 3 de outubro de 1884, número três do recém-fundado periódico. Chagas estreou-se com um artigo intitulado “O Jornalismo”.

6 O texto integral da crónica do *Jornal do Comércio* pode ser lido no estudo de António Apolinário Lourenço *O Grande Maia – a receção imediata de Os Maías de Eça de Queirós* (2000: 111-116).

O artigo compõe-se de considerações do autor do *Poema da Mocidade* sobre o realismo, abandonando as críticas à filiação de Eça à maneira de Flaubert, criticando desta vez Zola e reproduzindo do texto de 1875 algumas das ideias-chave que considerou dignas de repetição, como a referência ao *homúnculos* de Goethe. Retira da crónica portuguesa o parágrafo final de 1888: “E os Maias? Falta-me espaço. No próximo artigo falamos.”

Além das conhecidas e muito estudadas polémicas envolvendo Eça de Queirós e Pinheiro Chagas, os dois artigos de crítica literária – sobre *O crime do padre Amaro* e sobre *Os Maias* – prometidos, mas nunca escritos pelo protegido de Castilho, poderiam ter dado o mote para longos debates. A falta de tempo, a falta de espaço, a falta de artigo onde, de facto, Chagas estudasse verdadeiramente as obras de Eça, constituíram as razões para a inexistência de discussão que pusesse em cena os dois contendores, controvérsia para sempre adiada.

#### REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Pinheiro (1876). Cartas de Lisboa, *Diário do Rio de Janeiro*, 2 de maio, p. 1.
- CHAGAS, Pinheiro (1888). Colaboração. A propósito dos “Maias”. *O País*, Rio de Janeiro, 16 de dezembro.
- Correio da Manhã* (1884). *Suplemento Literário*, Lisboa, 8 de dezembro, p. 1.
- LOURENÇO, António Apolinário (2000). *O Grande Maia – A receção imediata de Os Maias de Eça de Queirós*. Coimbra: Angelus Novus.
- QUEIRÓS, Eça de (2008). *Correspondência, vol. I*. (Organização e notas de A. Campos Matos). Lisboa: Caminho.
- SALGADO JÚNIOR, António (1933). *História das Conferências do Casino*. Lisboa: Cooperativa Militar.

Irene Fialho

<https://orcid.org/0000-0002-5933-0296>



DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, ANO 58, N.º 348,  
DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1875

Cartas de Lisboa  
Lisboa, 18 de novembro

Está em Lisboa o Sr. Eça de Queirós, nosso cônsul em Newcastle. Vem a Lisboa dar a última demão no seu romance *O crime do padre Amaro*, romance que foi publicado na *Revista Ocidental*, e que deve sair agora à luz completamente refundido.

Os leitores devem conhecer já Eça de Queirós como um dos cúmplices daquelas espirituosíssimas, ainda que muitas vezes injustas e estouvadas, *Farpas*, como o fino colaborador de Ramalho Ortigão. O que não sabem, porém, é que ele, o entusiasta fantasista, adora o realismo.

Como brevemente terei de me ocupar deste livro *O crime do padre Amaro*, que é em todo o caso, uma obra notável, característica, individual, e que por isso merece toda a atenção da crítica, permitam-me que já hoje aqui inscreva as minhas opiniões acerca do realismo, esse realismo de que Eça de Queirós se julga um dos mais ardentes e devotos admiradores.

Eça de Queirós convenceu-se de que o realismo era o seu ídolo, adotou aquela religião oficial, batizou-se naquela igreja, teve Gustavo Flaubert por seu padrinho, de vez em quando confessa-se, reza o credo em voz alta... Mas, por mais que me diga, eu ainda me persuado de que ele não vai frequentemente à missa.

O realismo, enquanto a mim, inscreve na sua bandeira um mote deslumbrante, mas depois é-lhe infiel com a máxima despreocupação.

E o mote não prima pela novidade; não valia à pena ter introduzido na boa linguagem francesa este barbarismo *réalisme* para pregar que um dos grandes fins da arte é o estudo consciencioso da natureza humana, a investigação inquieta das grandes verdades psicológicas. Fizeram por acaso obra diversa Molière e Shakespeare?

O grande trágico inglês, sobretudo não inundou com a luz imensa do seu génio os mais recônditos arcanos do coração humano? Não arrastou ao clarão do proscénio as paixões mais suaves ou mais hediondas do homem? Não as inoculou nos vultos imortais de Julieta, Otelo, Hamlet, Macbeth, e rei Lear e não os obrigou depois a manifestarem-se nos seus mais variados aspetos, não deixando escapar um só desses lampejos que iluminam até ao mais íntimo as misteriosas profundidades da alma humana?

E pode por acaso o realismo contar entre os seus antepassados o poeta do teatro do globo? Ousa a fotografia mesquinha dos Flaubert asseverar que descendem em linha reta do olímpico pincel deste Miguel Ângelo da tragédia? Estes anatomistas que estudam os seus modelos na rígida imobilidade do cadáver, assemelham-se porventura ao psicólogo profundo que estuda os segredos do coração humano à luz dos relâmpagos tempestuosos da paixão?

A paixão! Que fui eu dizer? O realismo desconhece as paixões; o amor é para ele somente a excitação dos sentidos; todos esses afetos violentos que devastam a alma humana não os aceita senão como umas enfermidades que entram completamente no domínio da medicina. Daí lhe provém a impossibilidade que o caracteriza. O romancista é um clínico social que conta as pulsações do homem no estado febril produzido pelo amor ou pela ambição: o adultério na *Madame Bovary* é com efeito apresentado debaixo de um aspeto repelente, mas não suponham que o autor mostrou aí uma elevada intenção moral: viu uma doença repugnante e estudou-a fria e cruamente: Ema é a mulher sensual em toda a sua brutalidade. A *Fanny* de Feydeau ainda

a vence em perversão, essa é a fêmea do *yaou*<sup>7</sup> das viagens de Gulliver, transplanta para os requintes da civilização moderna; debaixo daquelas sedas, daquela linguagem elegante, não há senão instintos bestiais. O amor naquelas mulheres e nesses homens é puramente físico e foi só debaixo desse ponto de vista que os realistas o estudaram. Fanny e Madame Bovary são dois casos da medicina legal.

Mas, bradam-me eles, não contestamos. Emma é repugnante, Fanny é hedionda, mas Fanny e Emma são verdadeiras. Não são tal, respondo eu, materialistas de uma figa, porque os Srs. Flaubert, Feydeau e Ci.<sup>a</sup><sup>8</sup> não fizeram mais do que transportar o materialismo para a arte. Para além do campo do vosso microscópio há um mundo que as lentes não alcançam: o mundo moral, o mundo das paixões e dos afetos.

Esse é-vos indiferente, porque não tendes nem o sentimento delicado, nem a indignação das almas nobres, e possuis apenas a impassibilidade estulta do frio observador. Analisais minuciosamente, medicamente, a manifestação sensual e bradeis ufanos: Aqui está o que é o amor. Aqueles que nos procederam, não tiveram a ousadia de descrever a verdade tal como é, e envolveram-na em uma nuvem de palavreado místico e adocicado, que a disfarça e esconde.

Mentira! Eles é que tiveram a ousadia de perscrutar os íntimos arcanos do coração humano e não pararam nas exterioridades, que vos cativam exclusivamente. Por isso, vós que não sabeis pintar nem os sentimentos, nem os afetos, que não sabeis comover, porque não encontrais a corda que vibra quando os ferem em todos os corações, vos fatigais em descrever com uma minuciosidade pueril os mais leves acessórios do drama que procurais traçar, e insistis nas cadei-

7 Itálico da autora.

8 No original "C."

ras, nos vestidos e no cenário e forçais o estilo para concentrardes uns sons cintilantes que ofusquem, e acumulais as palavras sonoras e os neologismos ociosos, e quando quereis dar vida à vossa Galateia, Pigmalhões sem alma, conserva-se ela estátua muda e fria, porque não tendes o fogo que a anima, vaidosos Wagners do realismo; quereis criar um homem e apresentais *homúnculos*, quereis pintar uma paisagem e apenas conseguis fazer um mapa topográfico!

O realismo apregoa-se como a idolatria da verdade, e são falsíssimos todos os sentimentos que exprime. Eu tenho diante de mim neste momento a *Educação Sentimental* de Gustavo Flaubert: o escritor francês descreve as impressões do seu herói, que principia a amar uma mulher que o autor apresenta como casta e pura.

“Il considérait son panier à ouvrage avec envahissement comme une chose extraordinaire. Quels étaient son nom, sa demeure, sa vie, son passé ? Il souhaitait connaître les meubles de sa chambre, toutes les robes qu’elle avait portées, les gens qu’elle fréquentait, et le désir de la possession physique même disparaissait sans une envie plus profonde, dans une curiosité douloureuse qui n’avait pas de limites.”

Sente-se aqui que debalde procura a nota verdadeira, que há de traduzir o sentimento, que tenta descrever. O autor vagueia, como os preceitos das lendas, em torno do luminoso círculo que não pôde ultrapassar. O materialista não conhece, não pode conhecer os segredos da aurora do verdadeiro amor em um espírito juvenil. Atinge então, devemos confessá-lo, à sublimidade do ridículo. Querendo descrever minuciosamente esse sentimento que ele não compreende, descreve o namorado, ansiando por adivinhar, em um êxtase amoroso, todos os vestidos que a mulher amada usara antes de o conhecer! Entre dois piegas desta força devo confessar ainda assim, que prefiro o Rafael de Lamartine.

Por isso também todos os tipos do realismo são repugnantes, porque a todos falta um reflexo, ainda que vago, de luz moral, porque o

autor que os descreve, não tem a mais leve sombra de delicadeza de sentimento.

Não lemos nós nesta mesma *Educação Sentimental*, quando Frederico vai quási a lançar-se nos pés de Mme. Arnoux, o trecho seguinte

“Un craquement se fit dans le couloir : il n’osait. Il était empêché d’ailleurs para une sorte de crainte religieuse. Cette robe, se confondant avec les ténèbres, lui apparaissait démesurée, infinie, insoulevable.”

*Insoulevable!* Que brutalidade de pensamento!

O realismo não é uma escola, é um processo e um processo detestável. Quer aplicar ao mundo moral o sistema das observações das ciências físicas, e afinal de contas no mundo moral nem sequer penetra. Como Adão no paraíso, nesse mundo à porta um anjo de espada de fogo lhe proíbe a entrada.

Eça de Queirós declara-se o representante do realismo em Portugal; felizmente, como já dissemos, ilude-se a si próprio. A sua imaginação vigorosa arrasta-o para longe desse terreno falso, e, quando força o seu alto espírito a fazer *realismo*, é exatamente quando são mais vulneráveis as suas obras. Da luta entre a índole artística de Eça de Queiroz e o seu firme propósito de ser realista saiu esse romance estranho, *O crime do padre Amaro*, que tem páginas admiráveis e outras perfeitamente absurdas, grandes massas de luz e sombras densíssimas. Eça de Queirós, que escapou deveras à morte ultimamente, por que o *Ribera*<sup>9</sup> na baía da Biscaia esteve em risco de soçobrar, chegando a perder duas das embarcações, uma parte da murada, e a ter as caldeiras rotas, vem com intenções de refundir completamente *O crime do padre Amaro*. Que espírito presidiria essa operação! Triunfará o demónio do realismo, o demónio que inspirou ainda há pouco

9 O nome do navio, *Ribera*, é conjecturado por ser de muito difícil leitura o suporte consultado.

a Gustavo Flaubert esse livro indecifrável, epilético, estapafúrdio, que os seus próprios discípulos renegam e que se intitula a *Tentação de Santo António*?<sup>10</sup> Ou a branca e casta musa das verdadeiras e sábias inspirações triunfará definitivamente em sua alma?

Vence Alice ou vence Bertram? A situação é a do *Roberto do Diabo*; falta a música de Meyerbeer.<sup>11</sup>

*Pinheiro Chagas*

10 Pinheiro Chagas queria referir-se à obra de Flaubert *La tentation de Saint Antoine*, publicado em 1874, um ano antes da presente crónica. O título foi traduzido para português de acordo com a temática e o protagonista, como *A tentação de Santo Antão*. Não se trata, pois, do santo nascido em Lisboa mas sim do anacoreta egípcio do deserto da Tebaida, pictoricamente glosado, entre outros, por Hieronymus Bosch e Salvador Dalí e, recentemente, pelo português António Gonçalves.

11 Refere-se Pinheiro Chagas à ópera *Robert le Diable*, composta por Meyerbeer, cujo libreto, baseado numa lenda tradicional de origem medieval, foi escrito por Eugène Scribe e Germain Delavigne, estreada na Opéra de Paris em 1831. Alice e Bertram são as suas personagens principais.